

O déficit do campo da comunicação nas pesquisas brasileiras sobre ecovilas¹

Rafael MEDEIROS²

Universidade de Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS

RESUMO

As ecovilas podem ser definidas sinteticamente como assentamentos humanos com foco na sustentabilidade, no convívio comunitário e no desenvolvimento com mínimo impacto ambiental. Recentemente esses grupos têm despertado crescente interesse em âmbito acadêmico. Este trabalho, de caráter exploratório e quantitativo, apresenta um mapeamento das pesquisas realizadas nos programas de pós-graduação *stricto sensu* brasileiros abordando a temática das ecovilas no século XXI. Os resultados iniciais apontam para um significativo crescimento das pesquisas sobre ecovilas nos últimos anos, mas também para um déficit nos estudos comunicacionais sobre o tema.

PALAVRAS-CHAVE: ecovilas; comunicação; estado da arte; mapeamento.

INTRODUÇÃO

Os impactos do desenvolvimento mediados e constituídos pelas tecnologias de informação e comunicação, o caráter predatório do capitalismo, as crescentes desigualdades sociais, étnicas e regionais, a “ressaca informacional” e a transição para uma sociedade hiperconsumidora (LIPOVETSKY, 2007) provocam múltiplas e profundas crises que afetam as identidades, as formas de sociabilidade e as visões de mundo das pessoas, sobretudo dos jovens. Os problemas ambientais, a escalada da violência e o crescimento das cidades também modificam as relações sociais e os agenciamentos relacionais entre as pessoas e seus territórios, no sentido que o reconhecimento intersubjetivo, o sentimento de pertença, as relações de trabalho, os vínculos e laços sociais ficam comprometidos.

Fraser e Jaeggi (2020, p. 14) analisam a crise contemporânea como sistêmica e severa, “uma disfunção estrutural alojada no coração da nossa forma de vida”, ou seja, um conjunto extensivo de problemas que exige respostas também abrangentes. A questão

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação, Divulgação Científica, Saúde e Meio Ambiente, XXI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Mestre em Comunicação pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Integrante do Grupo de Pesquisa Usos Sociais da Mídia (UFSM); do ConJor - Grupo de Pesquisa Convergência e Jornalismo (UFOP) e do Escutas - Grupo de Pesquisa e Estudos em Sonoridades, Comunicação, Textualidades e Sociabilidade (UFMG), e-mail: rfmedeiros13@gmail.com.

ecológica é parte importante nesse conjunto de problemas e representa uma preocupação mundial, na medida em que as mudanças climáticas já estão causando catástrofes de grandes proporções, como incêndios, enchentes, secas anormais e falta de água.

Como respostas coletivas a essas graves problemáticas, algumas pessoas estão se organizando e buscando estilos de vida que causem menos impacto ao meio ambiente. Os chamados assentamentos humanos sustentáveis passaram a ser uma alternativa nesse sentido, já que ao mesmo tempo em que preconizam um convívio mais harmonioso com a natureza, possibilitam aos seus moradores um estilo de vida diferente daquele que levavam nos centros urbanos. As ecovilas se apresentam como um tipo de assentamento que vem se desenvolvendo e ganhando adeptos nos últimos anos no mundo todo, inclusive no Brasil. De maneira geral, as ecovilas são consideradas comunidades intencionais baseadas “na sustentabilidade, senso de comunidade, economia participativa e desenvolvimento humano em harmonia com a natureza” (RONSINI, 2019, p. 12).

Este artigo é um esforço inicial de aproximação com a temática das ecovilas para construção de investigação doutoral no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFSM. Um mapeamento indiciário apontou que as pesquisas que tratam de assuntos circundantes a essas comunidades são de trajetória recente e de abrangência ainda limitada dentro dos programas de pós-graduação brasileiros. Dessa forma, o texto sintetiza uma pesquisa bibliográfica exploratória feita com o objetivo de apontar lacunas, operacionalizar a tese em andamento e servir como base para outras investigações.

Também denominadas como pesquisas de “estado da arte” ou “estado do conhecimento”, esse tipo de investigação tem como objetivo mapear e discutir a produção acadêmica sobre determinado tema em variados campos do conhecimento. Sobre as práticas metodológicas nas investigações em comunicação, Bonin (2009) considera que um levantamento geral das pesquisas já realizadas é importante para situar o pesquisador no campo e nas áreas de interface com o tema estudado, permitindo que sejam feitas “apropriações, reformulações e alargamentos de proposições em vários níveis” (BONIN, 2009, p. 123). Além de servir como guia para o pesquisador, essa fase, também chamada de “estado da arte”, “estado do conhecimento” ou “pesquisa da pesquisa”, vai “situar o problema em relação às pesquisas existentes, mesmo de orientações teóricas diferentes” (VASSALLO DE LOPES, 1990, p. 139). Nesse sentido, também é interesse verificar a existência de trabalhos que estejam vinculados ao campo da comunicação, uma área do conhecimento em formação que se intercrusa com muitas outras dimensões do

conhecimento e da vida social (MARTINO, 2017). É preciso ressaltar que se trata de pesquisa com resultados ainda iniciais, mas que se baseia em um corpus consistente que oferece um panorama amplo sobre o estado atual das pesquisas sobre ecovilas.

ECOVILAS

Definir o conceito de ecovilas é tarefa complexa devido à heterogeneidade das comunidades, à falta de parâmetros basilares e à tentativa de replicar as definições comuns ao norte global para ecovilas brasileiras sem as devidas adaptações às variadas realidades. Desse modo, cabe aqui fazer um paralelo histórico com as bases fundadoras das ecovilas, os primeiros movimentos emancipatórios e contestatórios, tomados sob o conceito geral de comunidades intencionais.

A origem histórica das comunidades intencionais pode ser entendida de maneira distinta a partir da ontologia do conceito ou de marcos temporais. Quando o ponto de partida é a ontologia do conceito, justifica-se que tipos de experiências comunitárias sempre existiram na história humana baseadas em interesses múltiplos e mutáveis dos sujeitos ao longo do tempo. Nesse sentido, Santos Jr. (2016, p. 174) esclarece que “em diversos momentos da história, o sentido de uma vida em comum aglutinou pessoas para o desenvolvimento de experiências” colocando em prática propósitos variáveis em cada época, seja seguindo grupos com vínculos religiosos ou buscando novos estilos de vida, dentro do sentido de vivência do socialismo utópico nos séculos XVIII e XIX, do movimento anarquista francês do início do século XX, ou de comunidades arcaicas, religiosas e antiguerra estabelecidas na década de 1940 (STUPPIA, 2020).

No entanto, os movimentos emancipatórios e contestatórios surgidos a partir da década de 1960 são colocados como os grandes responsáveis pelo desenvolvimento de comunidades intencionais, em um fenômeno capitalizado por jovens de classe média insatisfeitos com o sistema cultural, político, econômico e educacional. Dois grandes marcos dessas experiências contraculturais que inauguraram uma primeira onda de retorno ao campo foram as revoltas francesas, sobretudo no mês de maio de 1968, e o movimento hippie em meados da década de 1960. Esses grupos tinham “um compromisso ecológico radical porque tentaram, voltando à natureza, mostrar ao resto da sociedade a possibilidade concreta de construir relações alternativas entre os próprios humanos e entre os humanos e o resto do sistema ecológico” (STUPPIA, 2020, p. 70, tradução nossa).

O emblema do surgimento do movimento contracultural no Brasil foram as comunidades hippies da década de 1970 que, embora fossem avessas ao modelo desenvolvimentista e às lógicas econômicas e políticas então vigentes, assumiram um papel politicamente menos contestatório e mais baseados na livre expressão (SANTOS JR., 2016). De acordo com Viola (1987), as comunidades alternativas que se instalaram no meio rural foram formadas por jovens provenientes das maiores regiões metropolitanas brasileiras da época, São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte e Porto Alegre. Esses jovens buscavam “um novo modo de vida, um novo cotidiano, longe dos efeitos predatórios e egoístas gerados pelas cidades” (VIOLA, 1987, p. 28).

Com o surgimento do movimento ecológico no final dos anos 1970, as comunidades alternativas já existentes passaram a ter uma mirada também para as questões ambientais. A expansão dos grupos fez com que muitas comunidades se articulassem para formar a Associação Brasileira de Comunidades Autossustentáveis (ABRASCA), entidade para “congregar as comunidades alternativas brasileiras com o objetivo de catalogá-las, editar boletins, facilitar a troca de sementes, promover eventos e divulgar o movimento de comunidades no Brasil” (SIQUEIRA, 2012, p. 91, grifos no original). As comunidades alternativas que foram surgindo a partir de então em diversas partes do país já eram criadas com essa visão de conservação ambiental e uso consciente dos recursos naturais. Entre o final da década de 1980 e o início da década de 1990, várias comunidades intencionais adotaram as questões conservacionistas como principal vetor ideológico, gerando, mobilizando e difundindo tecnologias sustentáveis com vistas a uma vivência harmoniosa com o meio ambiente, tais como a bioarquitetura, a permacultura, a agroecologia e sistemas de reaproveitamento de água. Atualmente, ainda que dado grupo não se reconheça como ecovila, os referenciais ambientalistas estão presentes nas comunidades intencionais de maneira geral.

As características das comunidades alternativas e das ecovilas se confundem em diversos aspectos e alguns autores tratam as ecovilas como um formato complexificado e amadurecido das comunidades alternativas, já que o desenvolvimento de diferentes áreas do conhecimento possibilitou o acesso a tecnologias de comunicação e práticas como a permacultura e a bioconstrução (MACHADO, 2018). Também nesse sentido, Lucas (2006, p. 9) concorda que “o movimento das ecovilas originou-se quando a antiga ideia de vida comunitária intencional encontrou-se com o nascente movimento verde internacional nos 1960 e 1970”. Entretanto, conforme estabelece Ronsini (2019, p. 11),

“concretamente, além das formas de organização e da identificação das comunidades alternativas com a ideologia anarquista, as diferenças entre elas e as ecovilas incluem a classe de seus integrantes”, já que as ecovilas foram constituídas, com exceções, como movimentos de classe média em formato “economicamente excludente” (SIQUEIRA, 2012, p. 149).

Assim como as definições de comunidades intencionais não são homogêneas, as conceituações de ecovilas também são múltiplas porque nem todas as características são transponíveis de um grupo a outro, já que eles precisam se adaptar a realidades territoriais, demográficas, legais e financeiras. Na escassez ou falta de unanimidade das fontes, muitos trabalhos verificados usam conceituações da Global Ecovillage Network (GEN) que “designa ecovilas como comunidades urbanas ou rurais de pessoas esforçadas em desenvolver um ambiente social favorável causando o menor impacto possível à vida, à natureza” (BÔLLA, 2012, p. 87) ou ainda deixam essa conceituação sem resposta direta, apenas afirmando que “a definição de ecovila é ampla, permitindo tipos diferentes de comunidades e projetos a serem reconhecidos. Porque cada ecovila é projetada por pessoas que ali vivem, de acordo com sua visão, contexto, cultura e interesses, não há duas iguais” (GEN, 2017). Nesse sentido, os estudos realizados em ecovilas precisam caracterizar a comunidade de maneira mais fidedigna e detalhada possível a fim de evitar conflitos no entendimento sobre o conceito ou sobre o grupo estudado. Arruda (2018) identificou casos de empreendimentos convencionais do setor imobiliário que tomaram para si o uso da palavra “ecovila”, como mera propaganda de apelo ecológico, mesmo não apresentando diferenças significativas com os condomínios urbanos típicos.

METODOLOGIA

Seguindo a orientação procedimental de Ferreira (2002) para esse tipo de incursão prévia, o mapeamento da produção e a coleta de dados de indexação como os anos de publicação, as áreas de conhecimento, os locais de realização, as palavras-chave e as temáticas específicas dentro do fenômeno maior representam uma primeira etapa. Na segunda etapa, o material coletado deve ser inventariado, momento em que o pesquisador se aprofunda na reflexão sobre os aspectos que se mostrem relevantes para seu estudo, incluindo escolhas metodológicas e teóricas, ênfases, tendências, problemas já enfrentados por outros pesquisadores e conhecimentos já obtidos. Os dados contidos neste artigo se restringem à primeira fase, de caráter quantitativa.

De acordo com Leite e Costa (2006, p. 218), os repositórios institucionais são ferramentas adequadas para os processos de comunicação científica, maximizando “a criação, o compartilhamento, a disseminação e o uso do conhecimento científico”. Como a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) integra os repositórios institucionais e “os sistemas de informação de teses e dissertações existentes nas instituições de ensino e pesquisa do Brasil” (BDTD, 2021), o mapeamento foi feito inicialmente nessa base de dados. Mantida pelo Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), a biblioteca digital agrupa mais de 680 mil trabalhos, entre teses e dissertações, de cerca de 120 instituições brasileiras³.

A BTBD permite uma busca avançada que inclua mais de um termo em campos específicos do banco de dados (título, resumo, autoria, assunto). De modo que a intenção nesse momento era recuperar a totalidade dos trabalhos sobre ecovilas, o período não foi limitado e a busca com as chaves “ecovila” e “ecovilas” abrangeu todos os campos disponíveis na plataforma. Nessas condições, a consulta neste repositório retornou 34 trabalhos, sendo 25 dissertações e 9 teses.

Como sugere Barichello (2016), a busca de materiais que vão constituir um “estado da arte” não deve se limitar a uma única base de dados para que seja possível construir “um corpo teórico-metodológico que permita a construção da problemática de pesquisa e do argumento principal” (BARICHELO, 2016, p. 135). Por recomendação da autora, foi feita uma sondagem nas referências bibliográficas dos trabalhos já localizados para verificar indicações de outras pesquisas sobre o tema, o que possibilitou integrar mais 12 dissertações e 7 teses ao *corpus* parcial. Vale ressaltar que a íntegra de três trabalhos mapeados por meio das referências não foi encontrada em repositórios institucionais por serem mais antigos ou porque a veiculação não foi autorizada pelo autor. Entendendo a necessidade de um estado da arte completo, contemplando os trabalhos pioneiros, os autores dessas três pesquisas foram contactados via *e-mail* e dois deles enviaram os textos integrais para fins deste estudo.

As últimas fontes consultadas foram o Catálogo de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) e o Google Acadêmico, ambos utilizados como último filtro, já que as duas primeiras formas de recuperação dos trabalhos realizados podem ser consideradas abrangentes. A busca pelos

³ Dados de 10 de maio de 2021.

termos específicos “ecovila” e “ecovilas” no Catálogo de Teses e Dissertações da Capes retornou 6 dissertações e 2 teses e a pesquisa no Google Acadêmico viabilizou a inclusão de outras 6 dissertações e 1 tese ao *corpus* parcial.

Até aqui o *corpus* é considerado parcial porque a amplitude da busca e os descritores apontados em cada uma das plataformas utilizadas podem gerar incidências inconsistentes, como trabalhos que trataram de empreendimentos do setor imobiliário, geralmente de alta renda, que se apropriam do nome ecovila⁴, pesquisas empíricas feitas em institutos permaculturais e textos que apenas citaram o termo como forma de exemplificar alguma especificidade, mas não atribuíram às ecovilas centralidade teórica ou empírica na pesquisa. Com esses parâmetros, o corpus final do estado da arte aqui desenvolvido conta com 39 dissertações e 15 teses.

MAPEAMENTO

As tendências e perspectivas de pesquisas acadêmicas são indissociáveis dos fenômenos sociais correntes. A temática ambiental se consagrou no meio acadêmico “no calor dos alertas sobre explosão demográfica, poluição industrial e estrangulamento da oferta de energia” (BURSZTYN, 2004, p. 68). Nesse sentido, Ianni afirma que “à medida em que a realidade social passa por uma verdadeira revolução, quando o objeto das ciências sociais se transfigura, nesse contexto descortinam-se outros horizontes para o pensamento” (IANNI, 1994, p. 152). Atualmente, as crises do capitalismo e seus desdobramentos no tecido social são ponto de partida de uma série de novos fenômenos que, por sua vez, se tornam de interesse acadêmico. Como atestam Fraser e Jaeggi (2020), atualmente as pessoas das sociedades ocidentais se sentem “expostas à instabilidade e à imprevisibilidade de ordem econômica e social” (FRASER; JAEGGI, 2020, p. 13). Heinberg (2007) associa o surgimento de novas comunidades intencionais a diferentes momentos de crises globais, constatando que um número maior de ecovilas surgiu nos anos que antecederam a crise financeira, econômica, política e social global de 2008 que na década anterior.

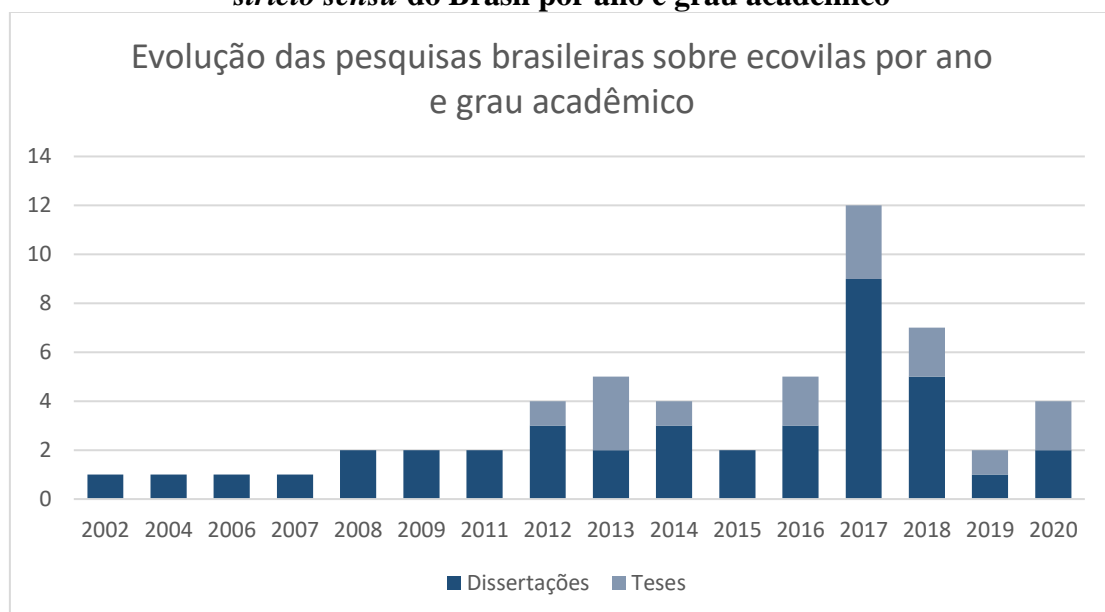
Embora o fenômeno não seja tão novo, a natureza recente das pesquisas sobre ecovilas nos programas de pós-graduação brasileiros fica evidente já nas primeiras buscas

⁴ Em categorização própria, Arruda (2018) classificou esses empreendimentos como “Ecovilas falso-positivo”, explicando que, “embora adotem o nome “ecovila”, geralmente apresentam morfologia urbana e tipologia construtiva que pouco diferem da produção convencional de condomínios horizontais ou verticais, tanto dentro como fora do perímetro urbano” (ARRUDA, 2018, p. 164).

e indexações dos trabalhos mapeados. A primeira pesquisa que abordou de maneira central a temática foi uma dissertação de mestrado defendida em 2002 no Programa de Pós-Graduação em Engenharia Urbana da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). No trabalho, o pesquisador Coccozza (2002) investigou o grau de sustentabilidade ambiental existente nas chamadas “novas proposições urbanísticas”, entre elas as ecovilas, observando indicadores de “uso do solo urbano, tipologias construtivas, gestão e tecnologias condizentes com as aspirações de equilíbrio entre o meio natural e antrópico, com os princípios de sustentabilidade” (COCOZZA, 2002, p. 14). Ainda na mesma década do trabalho inaugural, outras sete dissertações defendidas investigaram diferentes aspectos ligados às ecovilas ou as usaram como objetos empíricos.

Já a primeira tese foi defendida apenas em 2012 no Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Federal da Bahia (UFBA). A pesquisa de Eduardo Vivian da Cunha (2012) se voltou para as práticas de sustentabilidade em ecovilas a partir de referenciais envolvendo a economia ecológica, constatando que as comunidades aderem aos princípios de economia solidária “ao assumirem, enquanto coletivos, características de empreendimentos econômicos solidários” (VIVIAN DA CUNHA, 2012, p. 6) e articularem redes locais de economia solidária. Após a publicação da primeira tese, pesquisas doutorais envolvendo ecovilas foram defendidas em todos os anos seguintes, à exceção de 2015, como mostra o gráfico a seguir:

Gráfico 1 - Síntese das pesquisas sobre ecovilas nos Programas de Pós-Graduação *stricto sensu* do Brasil por ano e grau acadêmico



Fonte: Elaborado pelo autor com dados da pesquisa (2021).

Como mostra o gráfico anterior, os primeiros passos das pesquisas sobre ecovilas no Brasil podem ser considerados lentos se comparados ao avanço das pesquisas a partir de 2011 quando o número de pesquisas começou a crescer, totalizando 47 apenas na segunda década. Esse acréscimo pode ter como explicações a difusão das ecovilas, algo que é difícil precisar, a emergência das crises ambientais e o acréscimo de cursos de pós-graduação no Brasil entre 2013 e 2017. Além disso, é pertinente aqui o pressuposto formulado pelo sociólogo Marcel Bursztyrn, para quem “o mundo universitário reproduz uma tendência semelhante ao mundo das políticas públicas: quando algo novo e relevante surge num determinado contexto, logo se propaga, num movimento em onda” (BURSZTYRN, 2004, p. 68). É preciso frisar que esse movimento em onda no que se refere às pesquisas sobre ecovilas vem acontecendo, mas que essas investigações ainda são limitadas inter e intracampos do conhecimento. A tabela a seguir detalha o número de pesquisas por grande área e áreas do conhecimento definidas pela Capes.

Tabela 1 – Síntese das pesquisas sobre ecovilas nos Programas de Pós-Graduação *stricto sensu* no Brasil por grande área e área do conhecimento.

Grande Área	Área do Conhecimento	Trabalhos	Total
Ciências Sociais Aplicadas	Administração Pública e de Empresas, Ciências Contábeis e Turismo	7	23
	Arquitetura, Urbanismo e Design	10	
	Comunicação e Informação	2	
	Planejamento Urbano e Regional	2	
	Serviço Social	2	
Ciências Humanas	Antropologia/Arqueologia	2	19
	Educação	6	
	Geografia	3	
	Psicologia	5	
	Sociologia	3	
Linguística, Letras e Artes	Artes	1	1
Engenharias	Engenharias I – Engenharia Civil	2	4
	Engenharias I – Engenharia Urbana	2	
Multidisciplinar	Interdisciplinar	3	7
	Ciências Ambientais	4	

Fonte: Elaborado pelo autor com dados da pesquisa (2021) e da Capes (2017).

Por meio da análise do quadro síntese das pesquisas sobre ecovilas por área do conhecimento, é possível destacar a predominância de trabalhos no âmbito das Ciências Sociais Aplicadas, sobretudo em programas de Arquitetura e Urbanismo e Administração. A variedade de áreas do conhecimento abrangidas pelos estudos sobre ecovilas mostra uma fragmentação do tema e o enquadramento empírico que se faz para estudos específicos. A comunicação se configura como uma área do conhecimento em formação que tem a possibilidade de enquadrar estudos em “articulações e intertextualidades que possibilitam pensar os meios e as demais indústrias culturais como matrizes de desorganização e reorganização da experiência social e da nova trama de atores e de estratégias de poder” (MARTÍN-BARBERO, 1996, p. 62, tradução nossa), oportunizando investigações de variados olhares teóricos, empíricos e epistemológicos em associação com múltiplas esferas do conhecimento e dimensões da vida social.

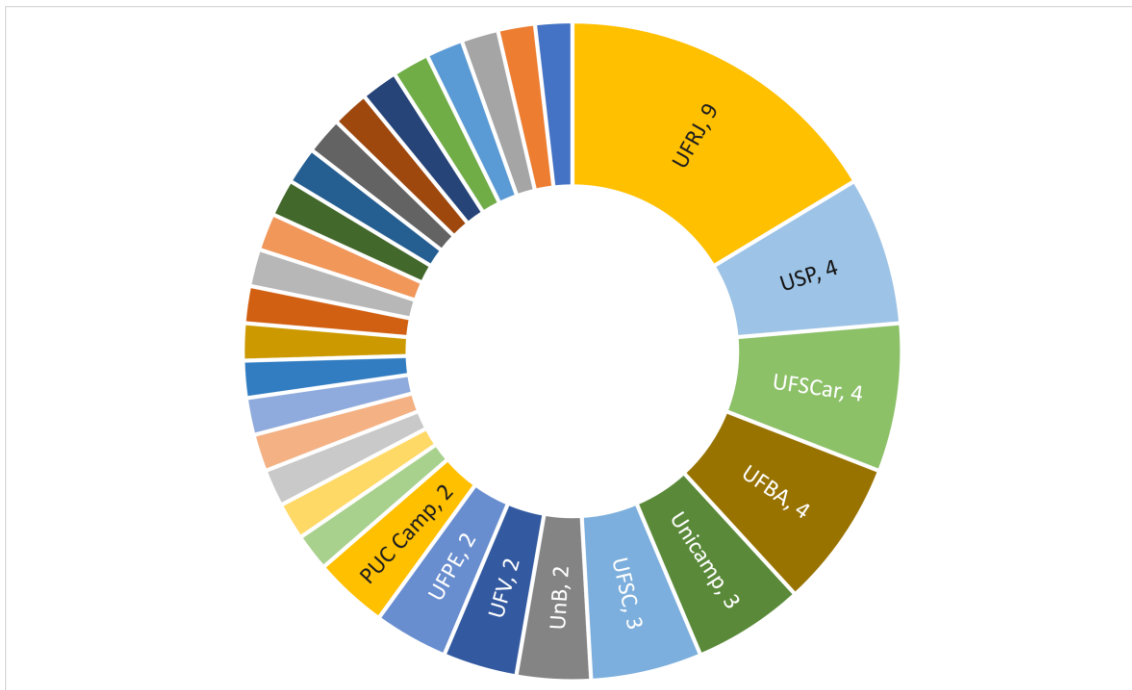
Entretanto, a única⁵ pesquisa defendida em Programas de Pós-Graduação em Comunicação foi uma tese concluída em 2013 no PPG em Comunicação e Cultura da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). No trabalho, o segundo em nível de doutorado, Simas (2013) trata dos processos de comunicação colaborativa no contexto comunitário como uma alternativa aos modelos de comunicação hegemônicos. Segundo a autora, esses modelos de comunicação hegemônicos contribuem para a imposição de lógicas de produção de sentido sobre identidades e diferenças que partem de uma lógica ocidental de interpretação da realidade de tendência homogeneizante que invisibiliza, enfraquece e sufoca “diferentes modos de perceber e se relacionar com o mundo” (SIMAS, 2013, p. 120). Por meio de pesquisa-ação realizada em uma ecovila de caráter espiritual localizada no estado do Amazonas, a pesquisadora promoveu a capacitação de moradores da comunidade para facilitação de processos internos de comunicação destacando que a comunicação em ecovilas fortalece processos participativos e valores culturais ligados às várias dimensões da sustentabilidade, sendo uma forma de resistência aos modelos hegemônicos de comunicação (SIMAS, 2013).

Os 54 trabalhos que fazem parte do corpus deste estado da arte estão divididos em 47 Programas de Pós-Graduação de 30 Universidades diferentes. O único Programa que concentra mais de duas pesquisas sobre o assunto é o Programa de Pós Graduação em

⁵ A outra pesquisa enquadrada pela Capes na área do conhecimento “Comunicação e Informação” foi defendida em 2017 no Programa de Pós-Graduação em Museologia da UFBA.

Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social da UFRJ, com quatro trabalhos. A UFRJ é também a Universidade com mais trabalhos defendidos sobre ecovilas em seus Programas de Pós-Graduação, com 9 pesquisas no total, seguida pela Universidade de São Paulo (USP), UFSCar e UFBA, com quatro pesquisas em cada. O gráfico seguinte representa a distribuição das pesquisas por instituição⁶:

Gráfico 1 – Distribuição das pesquisas sobre ecovilas por Instituição de Ensino



Fonte: Elaborado pelo autor com dados da pesquisa (2021)

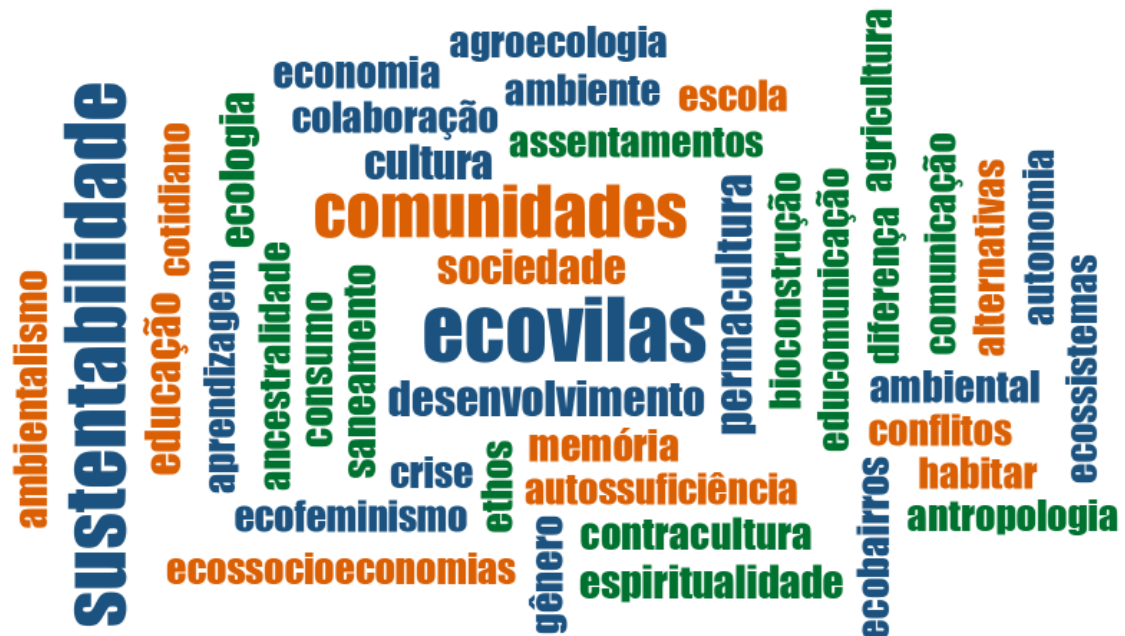
Os dados apontam para a concentração das pesquisas em instituições da região Sudeste. Não há um diretório que aponte de forma segura o número de ecovilas no Brasil e em quais regiões elas estão distribuídas. Dessa forma, cabe inferir que concentração dessas investigações na região mais populosa do país se dá, de sobremaneira, pela aglutinação de PPG's em seus três maiores estados.

As palavras-chave são importantes enquanto indexadores porque facilitam a busca por pesquisas de temáticas específicas e servem como ferramentas de representação das informações tratadas em determinado texto acadêmico. No levantamento foram encontradas 295 palavras, incluindo as repetições e desconsiderando os plurais. A

⁶ As Instituições com um trabalho defendido, não legendadas no mapa, são: FGV-RJ, FURG, PUC Rio, PUCPR, PUCRS, PUC-SP, UDESC, UESC, UFC, UFF, UFPeI, UFRGS, UFVJM, UNESC, Unesp, UNIFACS, UNIR, Univali, UP e UTFPR.

imagem a seguir representa a nuvem de palavras-chave por grau de repetição nas pesquisas mapeadas.

Figura 1 – Nuvem de palavras-chave das pesquisas mapeadas



Fonte: Elaborado pelo autor com dados da pesquisa (2021)

A palavra-chave mais utilizada na indexação das pesquisas foi “ecovila”, presente em 32 trabalhos, seguida de “sustentabilidade”, que figurou em 26 trabalhos, e “comunidade” (com seus adjetivos e tipificações) que foi nomeada como palavra chave em 19 pesquisas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As cinquenta e quatro pesquisas que fazem parte do escopo deste mapeamento inicial demonstram a multiplicidade de aspectos que podem ser compreendidos olhando para o universo das ecovilas. Os trabalhos agrupados são de quatorze áreas do conhecimento distintas, incluindo serviço social, engenharias e economia doméstica, esferas que poderiam ser desconsideradas em uma visão macro de lugar-comum das pesquisas acadêmicas ligadas às questões ambientais.

Foram mapeados trabalhos realizados nas cinco regiões brasileiras demonstrando o espalhamento das comunidades intencionais no país, ainda que 31 dos 54 trabalhos sejam oriundos de Universidades localizadas no Sudeste. Não é possível afirmar a

predominância de comunidades intencionais na região, já que esses estados concentram boa parte dos programas de pós-graduação do país. Em contrapartida, o primeiro trabalho realizado na região norte foi feito apenas em 2017, ano que apresentou o maior número de trabalhos sobre comunidades intencionais desde 2004, foram oito, contra sete do ano anterior e dois de 2016. A não regionalização dos trabalhos e esse aumento no número de defesas apontam para um crescente interesse acadêmico sobre o tema – o Grupo de Pesquisa Usos Sociais da Mídia, vinculado ao PósCom da UFSM, tem quatro pesquisadores desenvolvendo projetos com olhar para esses grupos.

Abrangente também é o campo da comunicação, com numerosas possibilidades de investigação em seu bojo multidisciplinar, entretanto, apenas uma pesquisa foi defendida em PPG's de Comunicação, o que corrobora para a importância do trabalho que está sendo desenvolvida no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). A pesquisa, orientada pela professora Dr^a Veneza Ronsini, tem como objetivo compreender como os usos da mídia, em associação com as instituições da família, da escola e do trabalho, contribuíram para que pessoas de diferentes gerações procurassem autonomia e reconhecimento em um novo modo de vida comunitária nas ecovilas.

REFERÊNCIAS

ARRUDA, Beatriz Martins. **O Fenômeno de Ecovilas no Brasil Contemporâneo**. 2018. 205 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas-SP, 2018.

BARICHELLO, Eugenia Mariano da Rocha. A autoria na elaboração de uma tese. In: MOURA, Cláudia; VASSALLO DE LOPES, Maria Immacolata (orgs.). **Pesquisa em comunicação: metodologias e práticas acadêmicas**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2016.

BÔLLA, Kelly Daiane Savariz. **Perspectivas da visão transdisciplinar holística e suas contribuições para a construção de uma sociedade ecológica: o caso da Ecovila Terra Una, Liberdade, MG**. 2012. 201 f. Dissertação (Mestrado) Unidade Acadêmica de Humanidades, Ciências e Educação, Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma, SC, 2012.

BONIN, Jiani. Explorações sobre práticas metodológicas na pesquisa em comunicação. **Revista FAMECOS**, v. 15, n. 37, p. 121-127, jan. 2009.

BURSZTYN, Marcel. Meio ambiente e interdisciplinaridade: desafios ao mundo acadêmico. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, n. 10, p. 67-76, jul./dez. 2004. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/made/article/view/3095/2476>. Acesso em: 07 jul. 2021.

COCOZZA, Glauco de Paula. **Sustentabilidade Ambiental**: sistematização crítica das novas proposições urbanísticas. 2002 299 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia Urbana) Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP, 2002.

CUNHA, Eduardo Vivian. **A Sustentabilidade em Ecovilas**: práticas e definições segundo o marco da economia solidária. Salvador, 2012. 234 fl. Tese (Doutorado em Administração) – Escola de Administração, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012.

FERREIRA, Norma Sandra. As pesquisas denominadas "estado da arte". **Educação & Sociedade**, v. 23, n. 79, pp. 257-272, 2002. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-73302002000300013>. Acesso em: 04 maio 2021.

FRASER, Nancy; JAEGGI, Rahel. **Capitalismo em debate**: uma conversa na teoria crítica. São Paulo: Boitempo, 2020.

GEN. Ecovilas. GEN, **Global Ecovillage Networks**, 2017. Disponível em: <http://ecovillage.org/about/gen/>. Acesso em: 29 maio 2020.

LEITE, Fernando César; COSTA, Sely. Repositórios institucionais como ferramentas de gestão do conhecimento científico no ambiente acadêmico. *In: Perspectivas em Ciências da Informação*, Belo Horizonte, v. 11 n. 2, p. 206 -219, mai./ago. 2006.

LIPOVETSKY, Gilles. **A felicidade paradoxal**: ensaios sobre a sociedade de hiperconsumo. Trad. Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

LUCAS, Caroline. Foreword. *In: DAWSON, J. Ecovillages: New Frontiers for Sustainability*. Devon/UK: Green Books, 2006.

MACHADO, Matheus. **A comunidade dos clássicos e a nova comunidade: um estudo da organização de Ecovilas**. 2018. 146 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Administração, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

MARTINO, Luiz Mauro Sá. Dimensões e limites da interdisciplinaridade nas Teorias da Comunicação. *In: C&S – São Bernardo do Campo*, v. 39, n. 1, p. 95-118, jan./abr. 2017

RONSINI, Veneza Mayora. Classes, comunidades intencionais e usos da mídia: esboço teórico para sua articulação. *In: Anais do XXVIII Encontro Anual da Compós*, Porto Alegre, 2019.

SANTOS JR., Severiano José dos. **Zelosamente habitando a Terra**: Ecovilas genuínas, espaço geográfico e a construção de lugares zelosos em contextos contemporâneos de fronteiras paradigmáticas. 2016. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Geografia. Instituto de Geociências, Universidade Federal da Bahia, Salvador, BA, 2016.

SIQUEIRA, Gabriel de Mello Vianna. **Tensão entre as racionalidades substantiva e instrumental na gestão de ecovilas**: novas fronteiras do campo de estudos. 2012. 237 f. Dissertação (Mestrado em Administração) Centro Sócio Econômico, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, 2012.

SIMAS, Ana Carolina Figueira. **Comunicação e Diferença**: estudos em comunicação colaborativa para a sustentabilidade comunitária. 2013. 397f. Tese (Doutorado) Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, 2013.

STUPPIA, Paolo. The spreading of a counter-culture. *In: DESC - Direito, Economia e Sociedade Contemporânea*, v. 2, n. 2, p. 67-76, fev. 2020.

VASSALLO DE LOPES, Maria Immacolata. **Pesquisa em comunicação**: formulação de um modelo metodológico. São Paulo: Loyola, 1990.

VIOLA, Eduardo. O movimento ecológico no Brasil (1974-1986). *In*: **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, n.3,v. 1, p. 5- 26, fevereiro 1987.